

Dossiê: Animais e Humanos

Apresentação

A ideia de realizar este dossiê, acerca das relações atuais entre humanos e animais, surgiu durante a defesa de tese sobre *veganismo* no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE), em março de 2013¹. A pujança conceitual destes estudos na antropologia, que sinaliza para uma virada ontológica e surgimento de novo paradigma nesta disciplina; a colaboração destacada de pesquisadores brasileiros neste debate; a expansão de pesquisas etnográficas sobre o tema em diferentes regiões do país; além, é claro, do interesse dos organizadores do dossiê sobre o mesmo; constituíram-se em razões e estímulo para cumprir esta tarefa.

A etnologia indígena tem se destacado na produção de trabalhos que renovam os estudos das relações entre humanos e não-humanos (onde os “animais” têm papel privilegiado) na teoria antropológica. As novas modalidades de interação com os animais de estimação nos centros urbanos, aliadas ao debate sobre direitos animais e propostas de mudanças críticas nos costumes alimentares, implicam em buscar equacionamentos da dicotomia natureza e cultura. Os estudos etológicos que apontam para a emergência de sujeitos culturais não-humanos (com complexas formas de interação, comunicação e expressão emocional intra e interespecífica, de primatas a cetáceos), levantam indagações

¹ LIRA, Luciana Campelo de. 2013. *Limites e paradoxos da moralidade vegan: um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo*. Tese de Doutorado em Antropologia. Recife : Universidade Federal de Pernambuco.

sobre dignidade epistêmica e jurídica da “vida selvagem”, assim como sobre nossa humanidade e animalidade, colocando em cheque a velha autonomia cartesiana na definição do humano. Novos experimentos com as espécies vivas para produção de medicamentos e de alimentos – destacadamente com animais –, colocam questões éticas inusitadas para pesquisadores/as e para as regulações estatais quanto às relações interespecíficas. Mas, a despeito dos inúmeros exemplos que se poderiam arrolar, é ainda recente o interesse que as relações entre humanos e animais desperta na Antropologia.

Estes exemplos surgiram na arguição da tese acima referida e na palestra subsequente, proferida pelo professor Bernardo Lewgoy (PPGAS/UFRGS), no PPGA/UFPE. Foi pensando neste conjunto de interesses, já materializados em pesquisas, que reunimos os trabalhos que compõem este dossiê. Fizemos isso porque consideramos que eles fornecem um panorama do debate no Brasil e, ainda que parcial e sem esgotar todas as suas possibilidades, contribuem para situar a produção brasileira neste campo em franca ascensão. Encaramos também o desafio de trazer pesquisas realizadas em Portugal sobre tauromaquia, com a intenção de estimular questões e diálogos sobre relações entre humanos e animais com colegas europeus, apresentando novos ângulos para o entendimento de práticas e relações inseridas na longa duração histórica, como é o caso das touradas.

Abrimos o dossiê com o trabalho de Felipe Ferreira Vander Velden. O artigo, situado no campo da etnologia, explora as injunções entre a cosmologia dos Karitiana (norte de Rondônia) e as concepções ocidentais sobre animais de estimação, percebendo mudanças históricas nas relações nativas com os xerimbabos. O autor analisa como a criação de animais, exóticos ao meio ambiente das aldeias, acarreta a formação de um novo sistema de nominação para dar conta desses novos atores não-humanos neste cenário indígena. Os nomes atribuídos a membros de algumas espécies animais constituem um nexos humanizante entre humanos e não humanos, agregando um novo mecanismo simbólico entre os vários que interligam humanos e animais de companhia entre os Karitiana.

A seguir, tratando ainda de animais de estimação, agora em centros

urbanos, Jean Segata indaga-se sobre o lugar que ocupa a humanização dos animais de estimação no debate antropológico contemporâneo. O autor aborda os problemas enfrentados em seu trabalho de campo – onde estudou as diversas relações, representações e práticas de informantes em clínicas veterinárias (tocando, no delicado debate sobre o prolongamento da vida). E lida, ainda, com os previsíveis questionamentos de alguns colegas antropólogos à sua investigação, que resistem a pensar na subjetivação e na agência dos animais na pesquisa antropológica, instigando-nos a refletir sobre a naturalização de nossos próprios valores sobre humanidade e animalidade.

O artigo de Luciana Campelo de Lira também investe no debate sobre humanização dos animais. A autora investigou grupos adeptos do vegetarianismo/veganismo e do movimento de defesa dos direitos dos animais. Para ela, tais grupos, fortemente influenciados pela ética animalista, propõem uma classificação dos animais que amplia a ideia de comunidade moral, que passaria da exclusividade humana para uma inclusão substantiva de diferentes espécies, questionando reflexivamente nossa animalidade.

O trabalho de Ciméa B. Bevilaqua debruça-se sobre as regulações estatais para circulação de seres vivos não humanos – em particular as espécies exóticas consideradas invasoras. Ao analisar as normas de controle destas espécies, especialmente em acordos e convenções internacionais, a autora constata a difícil missão de conter a mobilidade delas, que se mostram rebeldes à conexão entre espaço, movimento e fronteiras político-jurídicas. Dessa forma, as relações entre humanos e animais possibilitam interpelar os limites dos estados não apenas no plano concreto, mas também no que se refere às concepções e discursos mais canônicos sobre as (e das) formações estatais modernas.

Caetano Sordi e Bernardo Lewgoy analisam os desdobramentos do registro do primeiro caso autóctone de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB – ou “doença da Vaca Louca”) no Brasil. Os autores descrevem as distintas etapas de tradução sociotécnica (com base em Latour), que resultaram na definição do ocorrido como “caso atípico de EEB”. Estado e pecuaristas destacam-se nos embates para definição do

status do rebanho brasileiro no sistema internacional de saúde animal, inserida numa rede globalizada de comercialização da produção animal em escala industrial.

Do outro lado do Atlântico, descortina-se um cenário diverso para análise das relações animais e humanos, no qual se insere o trabalho de Luís Capucha sobre a Festa Brava portuguesa. O autor escreve um artigo de base biográfica para analisar a relação entre touradas e identidade/pertencimento, passando por implicações no campo político e de classes sociais, até chegar ao movimento anti-aurino que sugere novas formas para pensar as relações entre humanos e animais. A riqueza simbólica das análises canônicas do tema parece requerer um enfoque que leve em conta as diferentes agências nas relações interespecíficas entre humanos e aurinos.

Seguindo nesta direção, a etnografia de Lady Selma Albernaz, realizada em Portugal, procura compreender como os aficionados da tauromaquia e os animalistas percebem a relação entre humanos e touros. Para ambos os grupos os animais são pessoas, ainda que com estatutos e valorações antagônicas dessa relacionalidade interespecífica, num contraste entre opostos que não deixa de conter cruzamentos simbólicos paradoxais.

Para além do panorama sobre este campo em ascensão propiciado pela variedade de questões tratadas nos trabalhos reunidos no dossiê, acreditamos que ele também apresenta uma comunidade de perspectiva sobre a importância e modos de problematizar relações entre humanos e animais, ao mesmo tempo paralela e derivada face aos movimentos teóricos do pós-humanismo e da chamada “virada ontológica” na Antropologia. É claro que há um vasto caminho a percorrer, especialmente quando se aprofundarem as trocas com os inúmeros trabalhos e centros de pesquisa de outros países. E, sobretudo, quando esta área for reconhecida como uma linha de pesquisa/subárea do conhecimento em nível de pós-graduação. Nesse sentido, encaramos esse dossiê como uma iniciativa que trilha o caminho aberto pelo pioneirismo de Carlos Emanuel Sautchuk e Guilherme de Sá, organizadores do *Dossiê Humanos e Animais* da revista Anuário

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, volume 24(1): 2013

Antropológico 2011/II, da UnB e pelo *Simpósio Outras Simetrias, Diálogos Antropológicos sobre Humanos e Animais* (Porto Alegre, março de 2014).

Recife, maio de 2014
Lady Selma Albernaz
Bernardo Lewgoy